

# Boletim de Ocorrência

013



Por  
Celito De Grandi

## A morte em cima da ponte

REPRODUÇÕES



Carlos  
Daltro

A execução de um boêmio sobre a travessia de um canal em Pelotas é o 13º caso da série que conta, aos domingos de 2012, histórias enigmáticas

Durante o dia, um tranquilo comerciante de salário mínimo e absoluta confiança do chefe.

À noite, um boêmio, jogador e traficante, disputado pelas mulheres.

Na madrugada de 28 de fevereiro de 1964, ele apanhou um táxi no centro de Pelotas para ir à ponte do canal São Gonçalo. Fez um só comentário ao taxista: teria um encontro importante.

Em cima da ponte, a morte o esperava.



O corpo de Carlos Daltro Niemayer Gottliebes foi recolhido pela polícia naquela manhã com cinco balas nas costas e no pescoço, duas de calibre 38 e três de uma pistola .44.

O inspetor Serafim José Inácio iniciou no mesmo dia as investigações. E não foi difícil saber que o rapaz tinha inimigos, todos ligados às suas atividades noturnas: consumidores de drogas, mulheres chantageadas e homens traídos.

Para sustentar sua vida de *bon vivant*, junto à elite da cidade, e frequentar as mesas de jogo do Comercial, o mais fechado clube de Pelotas, era preciso muito dinheiro. Lá só se ingressava como sócio ou a convite de um deles.

E o tráfico de drogas, de lança-perfume a cocaína, vindas do porto de Rio Grande, a 60 quilômetros, não era suficiente.

O jovem passou, então, a cortejar mulheres ricas, até levá-las para a cama. E quando elas dormiam, derrotadas pelo sono ou pela bebida, ele as fotografava a seu lado. Nuas.

A partir daí, a chantagem era um instrumento fácil para arrumar dinheiro.



Serafim foi transferido para Porto Alegre quando começou a suspeitar de um grupo de quatro rapazes pertencentes a famílias de tradição na cidade.

Depois disso, pelo menos 10 outros policiais se dedicaram sem sucesso à investigação.

As especulações correram soltas.

Os nomes dos quatro jovens suspeitos eram sussurrados por toda a cidade. E o suicídio de uma mulher de um rico industrial foi ligado ao assassinato de Carlos Daltro. Ela estaria sendo chantageada e, depois de ingerir veneno, entrou no mar com seu carro, na praia do Cassino, em Rio Grande.

Ary Nelson da Silva, 29 anos, assume a delegacia de Pelotas e logo alicerça a fama de policial competente: em seis meses, desvenda cinco homicídios e vai à caça de bicheiros e agiotas.

Mergulha no “crime da ponte” e não demora para concluir pelo envolvimento dos quatro rapazes.



Recebe, primeiro, uma proposta de suborno para esquecer tudo aquilo. Ele teria sido alertado, aliás, pelo secretário de Segurança da época: “Esse crime dará mais problemas solucionado do que insolúvel”.

Prepara-se para ouvir o motorista de táxi que conduziu Carlos Daltro até a ponte e sofre um atentado: crivam de balas o carro da polícia. Solteiro, vai morar, por segurança, no quartel da Brigada Militar.

E quando anuncia que está com o inquérito praticamente concluído e pronto para indiciar os suspeitos, é transferido no dia seguinte para Rosário do Sul.

A partir daí, transita por delegacias de cidades de menor porte, torna-se procurador da Assembleia Legislativa e chega à aposentaria, em 1987.



Depois de advogar por algum tempo, Ary Nelson hoje vive em Porto Alegre e nunca mais falou à imprensa sobre o crime da ponte sobre o canal São Gonçalo.

Muitos personagens envolvidos morreram e outros tantos já não vivem em Pelotas.

Mas ninguém esquece aquele fevereiro de 64. Dois conhecidos de Carlos Daltro se dispuseram a falar, na semana passada, com a condição de não serem identificados.

Um deles lembrou que o rapaz de vida dupla tinha uma noiva e pagou a ela uma cirurgia plástica de custo elevado. Com um salário mínimo? O outro, um policial aposentado, até jogava pingue-pongue com Carlos Daltro e não tinha ideia da sua vida noturna.

Garante que houve solução, sim. Depois do crime prescrito, um dos quatro rapazes, preso em Santa Catarina por tráfico, teria confessado tudo.

Ele soube por terceiros, não há registro disso em lugar algum. E o inquérito policial está desaparecido.



Jovem foi vítima de emboscada quando se dirigia para um “encontro importante”



Responsável pela investigação do caso, o delegado Ary Nelson foi transferido antes de concluir o inquérito



ARQUIVO PESSOAL